



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60
anos



PROEXT
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

Estudo

Texto recebido em: 19 mar. 2024. Aprovado em: 3 set. 2024.

AMORIM, Helder Remigio de; SANTOS NETO, Francisco Ferreira dos.
A terrível descoberta do drama da fome: a circulação do romance
Homens e Caranguejos de Josué de Castro. *Estudos Universitários*:
revista de cultura, UFPE/Proext, Recife, v. 41, n. 1, p. 1-33, jan./dez.
2024.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2024.262050>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
[Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A terrível descoberta do drama da fome: a circulação do romance *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro

The terrible discovery of the plight of hunger: the circulation of Josué de Castro's novel Homens e Caranguejos (Of Men and Crabs)

Helder Remigio de Amorim

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Doutor em História do Brasil

E-mail: helder.remigio@unicap.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6006-9988>

 <http://lattes.cnpq.br/9130968646928214>

Francisco Ferreira dos Santos Neto

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Licenciado em História

E-mail: neto.okik@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-2332-590X>

 <http://lattes.cnpq.br/8412010640424484>

Resumo

O presente artigo busca analisar a circulação internacional do romance *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, bem como as representações da fome feitas em suas páginas. O livro foi publicado simultaneamente em outubro de 1966 na França, em Portugal e na Espanha. Além disso, a obra conta com 9 traduções e 11 edições. Em abril de 1964,

Josué de Castro foi exilado pela ditadura civil-militar brasileira, portanto, o momento de escrita do romance foi durante o seu exílio em Paris. A narrativa da história é contada a partir das vivências de um menino chamado João Paulo, que, fugindo da seca do sertão com sua família, busca melhores condições de vida nos mangues do Recife, para compor o ciclo do caranguejo. Na obra, também estão presentes as críticas do autor às estruturas agrárias e capitalistas exploratórias e produtoras da fome, bem como relatos de memória de sua infância nos alagados do Recife. O romance é visto como uma denúncia, um grito de alerta em prol dos famintos. O renome internacional de Josué de Castro, atrelado às redes de sociabilidade que este construiu, auxiliou na ampliação da capacidade de circulação do romance, sobre a qual percebemos ainda que tem um alcance internacional amplo, com diversas críticas elogiosas na imprensa de periódicos franceses, norte-americanos, espanhóis, portugueses, entre outros.

Palavras-chave: Josué de Castro. fome. Literatura. circulação. ditadura civil-militar brasileira.

Abstract

This article seeks to analyze the international circulation of Josué de Castro's novel *Of Men and Crabs* (*Homens e Caranguejos*), as well as the representations of hunger made in its pages. The book was published simultaneously in October 1966 in France, Portugal and Spain. It also has 9 translations and 11 editions. In April 1964, Josué de Castro was exiled by the Brazilian civic-military dictatorship, so the novel was written during his exile in Paris. The story is told through the experiences of a boy called João Paulo, who

fled the drought in the backlands with his family and seeks better living conditions in the mangroves of Recife, joining the crab cycle. The novel also contains its author's criticisms of the exploitative and hunger-producing agrarian and capitalist structures, as well as memories of his childhood in Recife's wetlands. The novel is seen as a denouncement, a rallying cry for the hungry. Josué de Castro's international reputation, coupled with the networks of sociability he built up, helped to increase the book's circulation capacity. We can also see that it has a wide international reach, with several laudatory reviews in French, North American, Spanish and Portuguese newspapers, among others.

Keywords: Josué de Castro. hunger. Literature. circulation. Brazilian civic-military dictatorship

Introdução

Este artigo busca analisar a circulação internacional do romance *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro e debater como a fome, tema central de sua obra, foi representada no decorrer deste livro. Publicado em outubro de 1966 na Europa, visto que Josué de Castro estava exilado na França devido à ditadura civil-militar¹ brasileira, o livro teve sua publicação no Brasil quase um ano depois, em 1967, pela Editora Brasiliense. Dessa forma, o momento de escrita e publicação deste romance é de grande ebulição política e social no Brasil e na trajetória de Josué de Castro.

Por esse motivo, a narrativa do romance possui uma saudosa carga memorialística e emotiva de seu autor. Uma de suas maiores inspirações para a escrita do livro foram as lembranças de suas vivências durante a infância nos alagados do Recife², onde primeiro descobre o drama da fome, que é o pano de fundo do romance. Ainda no prefácio, indaga se “será mesmo este livro um romance? [...] Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?” (Castro, 1967, p. 12). Devemos pontuar que, em seu esforço mnemônico, Josué de Castro busca construir uma memória de si mesmo a partir de “escritas de si” (Gomes, 2004), em grande parte motivado por sua condição de exilado, que o marcou profundamente.

¹ O termo ditadura civil-militar é utilizado por um grupo de historiadores para identificar a colaboração entre civis e militares no golpe e na manutenção de um estado de exceção que vigorou no Brasil de 1964 a 1985.

² Termo utilizado na obra *Homens e Caranguejos* por Josué de Castro (1967) quando se refere aos manguezais que integram a paisagem da cidade do Recife.

A terrível descoberta da fome, no romance, é feita pelo menino João Paulo. É com seus olhos e ouvidos de criança que nos deparamos com os problemas da fome, que aparece como força modeladora de toda uma gente. Assim como outros retirantes da seca, João Paulo e sua família seguiram o caminho do rio e desaguaram nos alagados do Recife para fugir da seca, para assim engrossar a lama e conviver com os caranguejos. Juntos formam a sociedade dos mangues, composta por *homens-anfíbios*, irmãos de leite dos caranguejos. O amálgama de famélicos, além dos retirantes das secas, é formado pelos miseráveis das zonas das plantações de açúcar, dos indesejáveis da cidade, todos empurrados para a lama. Por meio de uma linguagem lírica, Josué de Castro representa a fome não apenas como um problema biológico, mas social e político.

Nesse sentido, a fome é produzida e mantida, sobretudo, pela estrutura agrária monocultora e pela estrutura capitalista. Segundo Josué de Castro (1967, p. 16), “a sociedade dos mangues é uma sociedade imprensada entre estas duas estruturas esmagantes”. Não é um problema apenas climático, regional, de solo ou da raça, é decorrente de decisões políticas e econômicas, fruto da exploração dos recursos humanos e naturais. Portanto, a fome é observada de forma ampla e em conjunto. Antes de se apresentar em sua forma biológica, nos corpos e nas mentes das pessoas, ela é construída sociologicamente. Desse modo, é importante mencionar que o romance abriga os argumentos elaborados por Josué de Castro sobre a problemática da fome ao longo de sua trajetória enquanto intelectual.

Em *Geografia da Fome* (1946), Josué de Castro, ao analisar os regimes alimentares do Brasil com base em seu método geográfico, ressalta que a estrutura agrária do país era arcaica e centralizadora, pautada no latifúndio monocultor, e não permitia a diversificação da produção de alimentos. No mesmo livro, ao analisar a Zona da Mata canavieira do Nordeste, Josué de Castro demonstra que o latifúndio monocultor e o regime exploratório de trabalho do homem do campo tornam a fome endêmica na região, ou seja, permanentemente apresentando carências alimentares. Já no Sertão, as secas prolongadas são as grandes geradoras das epidemias de fome, que levam grandes contingentes de pessoas a migrarem em busca de melhores condições de vida. A única saída para não morrer é migrar para a cidade, onde encontram abrigo nos mangues, compondo assim o ciclo do caranguejo, da fome e da miséria.

Breve biografia

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, onde passou grande parte de sua juventude. Em Paris, ainda exilado, faleceu no dia 24 de setembro de 1973, aos 65 anos de idade. Formou-se médico em 1929 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, retornou à cidade natal na década de 30, onde começou a clinicar e iniciou a vida acadêmica como professor. Vale mencionar que, progressivamente, Josué de Castro aprofundou seu olhar para os problemas sociais nos seus estudos, sobretudo a partir dos anos finais da década de 1930, quando começou a se aproximar da Geografia.

Durante sua trajetória, foi presidente do Conselho Consultivo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), de 1952 a 1956. Em meados de 1950, em conjunto com outras personalidades³, fundou e presidiu a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM). De 1954 até 1962, foi deputado federal por Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nesse ano, renuncia ao mandato para assumir o cargo de embaixador do Brasil para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra, nomeado por João Goulart. Além disso, foi presidente do Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID) desde a criação em 1964 até sua morte em 1973.

Após a publicação de *Geografia da Fome* ([1946] 2022) e, sobretudo, *Geopolítica da Fome* (1951), Josué de Castro obteve reconhecimento internacional. Seu método de análise geográfico, utilizado em seus dois principais livros, transita entre diferentes saberes que auxiliam a compreensão da complexidade do problema da fome. Com a ampla circulação de sua obra, traduzida para 25 idiomas, e com as redes de sociabilidade que construiu, Josué de Castro se tornou um dos principais nomes no combate à fome. Assim sendo, seu discurso se atualiza e se adequa às circunstâncias presentes na década de 1960. Como um intelectual que apresenta domínio sobre muitas áreas, sua leitura dos debates e acontecimentos históricos é aguçada. Dessa forma, Josué de Castro esteve presente nas principais discussões nos organismos internacionais, visto que era constantemente convidado para eventos e

³ Como o Padre Joseph Lebre, Abbé Pierre, Louis Maire, Lord Boyd Orr, René Dumont, entre outros.

conferências. O mundo da Guerra Fria, nos anos 60, havia se recuperado dos danos causados pela Segunda Guerra Mundial e, de certo modo, havia nos países desenvolvidos uma certa atmosfera de otimismo.

Sobretudo no mundo capitalista, como aponta o historiador Hobsbawm (1995), viviam-se “os anos dourados”. A fome endêmica no Ocidente aparentava ser fruto apenas de guerras e de catástrofes climáticas ou políticas. Os índices de Produto Interno Bruto (PIB) e de expectativa de vida estavam em alta. Os modelos de Estado de bem-estar social garantiam maior estabilidade e segurança para as famílias e o índice de produção de alimentos apresentou aumento nos países pobres. Nesse sentido, assinala o historiador que “a economia mundial, portanto, crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houvera algo assim” (Hobsbawm, 1995, p. 257). A fome foi progressivamente sendo relegada aos países subdesenvolvidos, os países do Terceiro Mundo, os quais foram se tornando imagens, de TV ou fotos de revistas, distantes da realidade do espectador ou leitor. Da mesma forma, a fome foi atrelada às inquietações sociais como uma força social das revoluções dos povos famintos.

Nesse momento de sua trajetória, Josué de Castro atrelou seu discurso sobre a fome ao subdesenvolvimento, engrossando o coro mundial em prol da paz e do desarmamento e defendendo que o orçamento utilizado em armas nucleares e guerras acabaria com o que ele considerou o maior mal da humanidade: a fome. No que tange ao subdesenvolvimento, declara que “não é a ausência de desenvolvimento, mas o produto de um tipo universal de

desenvolvimento mal conduzido. É a concentração abusiva da riqueza [...]” (Castro, 2003, p. 104). A disparidade entre os setores da agricultura e da indústria traduz-se em subdesenvolvimento, que produz a fome na opinião de Josué de Castro. Em conjunto com a desigualdade dos setores, os interesses econômicos e políticos mantém e/ou aprofundam o problema. Para mais, o intelectual faz notar que o verdadeiro desenvolvimento está no melhoramento da condição humana, que tem como premissa uma boa alimentação.

No campo político, o geógrafo aproximou-se das esquerdas: uniu a militância do combate à fome com as atividades político-partidárias. Nos anos 50, Josué de Castro adequou obras e posicionamentos ao desenvolvimentismo, fortemente traduzido no subtítulo “o dilema brasileiro: pão ou aço” adicionado em *Geografia da Fome*. Enquanto deputado federal, defendeu a reforma agrária para a superação da fome no Brasil, buscando transpor a concentração de terras fundadas no latifúndio monocultor, o qual considerava um dos grandes produtores de desigualdade. Atuou amplamente nos debates que levaram à criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em 1959. O Brasil passava por um momento de reformas no período da experiência democrática (1945-1964) no qual Josué de Castro esteve envolvido, especialmente em assuntos ligados ao Nordeste.

Nesse sentido, por sua aproximação política com as esquerdas e por apropriações de sua obra pelos movimentos de esquerda, Josué de Castro passou a ser monitorado pelos órgãos de vigilância do governo brasileiro. Suas ideias e discurso em prol de reformas

estruturais voltadas para a superação das desigualdades sociais, bem como seus posicionamentos no campo político, contribuíram para que fosse nomeado comunista pela direita brasileira, principalmente na década de 1960. Logo após o golpe em abril de 1964, teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº 1 na primeira lista de nomes publicada, pois Josué de Castro era considerado um perigo para a segurança nacional.

A narrativa anticomunista teve grande força na engenharia política do golpe. Como aponta Motta (2021, p. 23), “os brasileiros precisavam ser protegidos do perigo de uma ditadura comunista, argumentava-se, mesmo ao custo de viver sob uma ditadura de direita”. Dessa forma, qualquer risco para a segurança nacional deveria ser resolvido, era preciso limpar o país do “perigo vermelho”. O inimigo interno, infiltrado na sociedade brasileira, subvertendo a ordem, “é um mal que deve ser extirpado, pois ele coloca em perigo a segurança do país e, por consequência, o seu desenvolvimento político, econômico e social” (Borges, 2014, p. 37). É preciso mencionar que a atmosfera política que precedeu o golpe militar não pode ser dissociada da conjuntura da Guerra Fria. As disputas ideológicas entre os dois blocos hegemônicos estão no cerne dos acontecimentos que levaram à ditadura no Brasil, a qual foi apoiada pelos Estados Unidos.

Durante o período do exílio, Josué de Castro optou por residir na França, muito devido às redes que construiu durante a década de 1950 e pelas oportunidades de emprego que possuía. Além da presidência do CID, o geógrafo desempenhou a atividade de articulista e escreveu principalmente para o jornal francês *Le Monde*. Concomitantemente, continuou exercendo suas

atividades como professor acadêmico na Universidade de Vincennes, bem como fez diversas viagens como conferencista. Josué de Castro fez parte de um grupo minoritário de exilados brasileiros que conseguiu em seu asilo político possuir atividade profissional e intelectual destacada, alcançada por pessoas do mais alto nível no meio acadêmico e científico (Cruz, 1999). Nesse sentido, “o exílio pode, portanto, ser entendido como uma experiência ampla vinculada ao sentimento e ao posicionamento político e ideológico e não apenas ao deslocamento geográfico” (Silva, 2019, p. 51). Deve-se destacar que o exílio afetou profundamente sua vida e a escrita do seu romance, possivelmente motivada pelo sentimento da saudade, e aproximou-o um pouco de suas origens.

Homens e Caranguejos teve uma circulação internacional expressiva, com críticas elogiosas em diversos periódicos internacionais. Na Europa, o romance foi apontado como uma denúncia sobre o drama da fome. Na França, por exemplo, foi adaptado para o teatro pelo poeta e dramaturgo francês Gabriel Cousin (1918-2010), intitulado *Le Cycle du Crabe* (1969). Posteriormente, o livro passou a ser um dos seus livros mais conhecidos, recebendo destaque em jornais e revistas ao lado de *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*.

Josué de Castro, *le romancier de la faim*: a circulação internacional de *Homens e Caranguejos*

No momento de lançamento do romance, em outubro de 1966, Josué de Castro era considerado como um

“brasileiro VIP” (Cehibra, 1966a, n. p.) na Europa, apontado como o “autor da obra cultural brasileira mais difundida no mundo” (Cehibra, s. d., n. p.). O renome conquistado por ele, por meio de suas obras, de seus escritos e das redes de sociabilidade construídas, possibilitou ao seu único romance o seu lançamento simultâneo na França, em Portugal e na Espanha. Todos esses elementos foram geradores de expectativas em relação ao seu novo romance e responsáveis pela circulação deste, em especial porque Josué de Castro já detinha certa autoridade reconhecida no campo da geografia e da nutrição (Foucault, 2001).

No que se refere às redes de sociabilidade, essas são vínculos que unem os intelectuais em torno de contatos construídos por diversas atividades em revistas acadêmicas, universidades, associações, jornais, meios culturais etc. Nesse sentido, essas redes são representadas pelas relações entre seus integrantes, sejam elas positivas ou negativas. Na base da formação das redes intelectuais estão presentes as conexões constituídas a partir dos itinerários e das gerações (Sirinelli, 2003).

O livro foi escrito durante o ano de 1965 em Paris. Neste mesmo ano, Josué de Castro lançou o livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, no qual o autor apresenta os problemas que levaram a região Nordeste a ser considerada como explosiva, ocasionando um novo “descobrimento” do Brasil pelos Estados Unidos após tensões produzidas pelos movimentos sociais, como as Ligas Camponesas. Em setembro de 1965, parte do romance já estava escrito e o seu prefácio foi publicado na

revista francesa *Sciences et voyages*⁴, em editorial nomeado *La vie des hommes*, após entrevista concedida ao Pierre Chourrits, a qual ocupa as primeiras páginas deste número e está intitulada *Nourrir les hommes* (Cehibra, 1965, n. p.). O assunto da conversa gira em torno da fome nos países subdesenvolvidos, dos estragos provocados pela má nutrição, bem como de uma economia humana que prima pela cooperação internacional em prol da superação da fome no mundo.

Ao redigir a matéria para a edição, Pierre Chourrits relata que

quando quisemos lhe perguntar sobre si mesmo, sobre os motivos que o impulsionaram desde a infância a embarcar na grande aventura humana que é sua, algumas perguntas para apresentá-lo aos nossos leitores, ele simplesmente nos entregou estas poucas folhas: as páginas introdutórias de um romance que está terminando de escrever (Cehibra, 1965, n. p.).

O trecho transcrito demonstra a preocupação de Josué de Castro com a produção de uma memória de si, bem como denota uma preocupação com a divulgação de seu livro. É preciso destacar que a revista vendeu 52.550 exemplares no número anterior, portanto, o público leitor da revista era amplo e interessado nas produções de Josué de Castro, vivamente reconhecido na França.

Isso demonstra a importância das redes de apoio construídas por Josué de Castro na conquista de espaços

⁴ Revista mensal publicada em Paris com tiragem de milhares.

e de leitores por sua narrativa. Nesse sentido, foram essenciais para a circulação de *Homens e Caranguejos* as redes de contatos construídas com as editoras e com os jornais, como por exemplo o *Le Monde*⁵.

Em carta enviada por Paul Flamand, editor da *Éditions du Seuil*, também conhecida como *Le Seuil*, no dia 22 de fevereiro de 1966, na qual tece comentários acerca do romance após estudá-lo, são levantadas algumas objeções para Josué de Castro que demonstram preocupação com o público leitor francês. Questiona:

isso é realmente um romance? Se esse fosse o livro, teria precisado de um herói central. A princípio, acredita-se que seja a criança [...]. Porém, não é assim, muitos capítulos se desviam dessa linha. Como resultado, o livro é apresentado mais como uma série de pinturas do que como um romance real.

O grande valor deste manuscrito continua a ser um *documento* e, na minha opinião, o fato de você ter se colocado diante da obra como um romancista e de na realidade nos ter dado primeiro um documento (disse expressamente no seu longo prefácio) colocou você em uma certa indecisão do ponto de vista da realização literária. [...] Sei muito bem que esta é uma reação típica dos franceses e que muitas vezes,

⁵ Jornal diário francês de grande tiragem. Fundado por Hubert Beuve-Méry em 19 de dezembro de 1944. Foi um dos periódicos internacionais que teceu fortes críticas à ditadura civil-militar brasileira. Josué de Castro colaborou como articulista no *Le Monde*, assim como trocou correspondências com seu fundador.

fora das nossas fronteiras, gostamos mais do luxo e da repetição. Mas o que você quer, eu só posso julgar como sou e de acordo com o público ao qual me dirijo (Cehibra, 1966b, n. p., grifo nosso).

É então defendida pelo editor a necessidade de um herói central para a configuração da obra de Josué de Castro como um romance, o que Flamand diz que não acontece e que torna o caráter do livro necessariamente documental. Para mais, o editor considera essa ausência de herói como determinante para o sucesso do romance na França, cujo público ele diz conhecer muito bem. No entanto, contrariamente ao afirmado pelo editor, no que se refere ao personagem principal de *Homens e Caranguejos*, este se figura como a própria fome, que é descoberta pelos olhos de um menino ao longo da vida. Além disso, apesar da objeção feita por Paul Flamand sobre a aceitação do público leitor, nos recortes de jornais de língua francesa presentes no acervo de Josué de Castro, há registros de que o livro obteve sucesso desde o momento de seu lançamento, tendo seu sucesso equiparado ao dos seus livros mais conhecidos: *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*.

No seu contexto de lançamento, o jornal francês supracitado, *Le Monde*, subiu o tom elogioso ao indicar que Josué de Castro é “um dos melhores sociólogos da atualidade” (Cehibra, 1966c, n. p.), em 5 de novembro de

1966. De igual modo, o jornal *Témoignage Chrétien*⁶, em 13 de outubro de 1966, mencionou que ele “é um sociólogo mundialmente famoso” e continua dizendo que “[...] neste romance, a realidade da fome está presente em todas as páginas” (Cehibra, 1966c, n. p.). Nota-se que é dado destaque a Josué de Castro como um sociólogo, não como geógrafo ou médico. O trânsito interdisciplinar entre os saberes é uma demanda do seu objeto de estudo: a fome. Da mesma forma, periódicos de língua inglesa, como o *New York Times Review*⁷ e o *Saturday Review*⁸, e de língua portuguesa, como o *Jornal de Notícias*, divulgaram e elogiaram o livro.

Como supracitado, na França, *Homens e Caranguejos* teve circulação destacada: em um recibo enviado pela *Éditions du Seuil*, nota-se que a tiragem inicial do livro foi de 8615 cópias. A tradução francesa do romance, desde a data do seu lançamento, em outubro de 1966, até dezembro de 1969, vendeu 6500 exemplares. Além disso, em cartas trocadas entre Josué de Castro e Anna-Marie Donnadou, secretária do serviço de imprensa da *Le Seuil*, vemos o envio de 46 exemplares para uma lista de nomes que indicam certa estratégia de divulgação (Cehibra, 1966b). Figuram na lista Gabriel Veraldi, M. Thibault, Jean-Paul Sartre, François Mauriac, Roger Bastide, Hubert

⁶ Jornal francês fundado em 1941 na cidade de Lyon com periodicidade semanal. Tem inspiração cristã e foi um dos últimos periódicos da Resistência a ser publicado durante a ocupação alemã na França durante a Segunda Guerra Mundial.

⁷ Atualmente conhecido como The New York Times Book Review, o periódico estadunidense é um suplemento semanal de revista em papel da edição de domingo do The New York Times.

⁸ Foi uma revista semanal estadunidense fundada em 1924 que almejava ser uma coleção de reportagens, ensaios e críticas sobre eventos atuais, educação, ciência, viagens, artes e outros assuntos.

Beuve-Méry, Michelangelos Asturias, René Dumont, Jean Cassou, entre outros. Além disso, conforme citado anteriormente, houve uma adaptação do romance para o teatro em 1969, escrita pelo dramaturgo francês Gabriel Cousin e intitulada *Le Cycle du Crabe*, publicada pela editora Gallimard.

No prefácio do *roman-théâtre*⁹, Cousin comenta que Josué de Castro o auxiliou na construção da peça, possibilitando acesso aos documentos do intelectual, como fotos, desenhos e notas, bem como com suas explicações (Cousin, 1969). O dramaturgo fez, ainda, uma versão mais curta para que as trupes itinerantes com poucos recursos financeiros pudessem ter possibilidades de encenar. Esta versão teve como foco a temática dos retirantes da seca presente na narrativa do romance e foi intitulada *Les Descent sur Recife*. É interessante mencionar que ela esteve na programação do *Auteurs Nouveaux* em março de 1971, onde teve como palco o *Comédie Française*.u

Em matéria publicada na revista belga *Pourquoi Pas?*¹⁰, de 17 de novembro de 1966, o redator alude que “somos convidados a descobrir a fome” (Cehibra, 1966d, n. p.). Assim como os demais livros de Josué de Castro, o romance é assinalado como uma denúncia, um grito de alerta sobre a fome, ou seja, não é visto apenas como uma história fictícia, mas como um “documento ficcional”, um testemunho. Na mesma matéria, aponta que há “muita autobiografia aí, mas que é enriquecida por pequenos

⁹ Termo utilizado para definir a adaptação do romance *Homens e Caranguejos* para o teatro.

¹⁰ Revista semanal belga de língua francesa, fundada em Bruxelas por George Garnir e Louis Dumont-Wilden em 1910. Foi publicada até 1989 e possuía caráter satírico.

fatos extraordinários, pelo menos para nós que muitas vezes temos o frango na panela”. O jornal *Paris Normandie*¹¹, em 21 de outubro de 1966, destaca que “Na verdade, não se trata, estritamente falando, de um romance”¹² (Cehibra, 1966e, n. p.). A mesma crítica ainda profere como frase de efeito que “apenas os mortos não morrem de fome” (Cehibra, 1966e, n. p.). Assim, as matérias preocuparam-se em apresentar ao futuro leitor questões tratadas sobre a obra, bem como apontaram para uma escrita do romance voltada para as grandes massas e que primava pela construção de novos significados.

Apesar de a literatura ter sido uma companhia constante em sua vida, a publicação de um romance por Josué de Castro foi uma aventura nova. O seu livro *Geografia da Fome* tem dedicatória para Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, “romancistas da fome”. Durante a década de 1930, escreveu contos, crônicas, poemas, ensaios e artigos com críticas literárias publicadas em periódicos brasileiros. Ainda na faculdade de Medicina, seu primeiro artigo, publicado em 1925 na *Revista de Pernambuco*, é intitulado *A doutrina de Freud e a literatura moderna*. Apesar de estar fortemente inserido no mundo cultural, seus escritos sobre a fome eram “ensaios de natureza científica, de análise sociológica do problema. O que não tinha contado, até hoje, foi o meu encontro com o drama da fome. Hoje, resolvi contá-lo” (Castro, 1967, p. 24). Outrossim, a busca por uma nova

¹¹ Jornal diário fundado em 1944 por Etienne-Vincent Machuel, em Rouen, França.

¹² No original: “en fait, il ne s’agit pas, à proprement parler, d’un roman” (tradução nossa).

natureza da escrita pode ter motivação na procura de uma maior liberdade para se expressar em um momento difícil de sua vida a partir de suas memórias.

Precisamos fazer notar que os contos escritos por Josué de Castro mencionados no parágrafo anterior, que foram reunidos no livro *Documentário do Nordeste* (1935), serviram como base para a construção da narrativa de *Homens e Caranguejos*. As ideias e histórias presentes em contos como *O ciclo do caranguejo*, *A cidade*, *João Paulo* e *O despertar dos mocambos* são revisitados e adaptados por ele para a construção da ficção, portanto, a relação dos habitantes do mangue com o meio e os recursos disponíveis nele foi pensada por Josué de Castro ainda na década de 1930. Essa relação é simbolizada figurativamente pelo *Ciclo do Caranguejo*, uma espécie de simbiose entre o caranguejo e o homem, que, atolado na lama, transfigura-se, agindo e sentindo como um caranguejo. Ao se alimentar do caldo e da carne do crustáceo, o homem irá alimentar a lama que alimenta o caranguejo.

Paul Bosse-Platière, jornalista francês, em crítica¹³ de 15 de dezembro de 1966, ressalta que *Homens e Caranguejos* é “um livro para ler. Porque este testemunho nos revela muito mais do que os números mais precisos ou os ensaios mais experientes sobre os mecanismos econômicos: ele nos revela a tragédia humana” (Cehibra, 1966f, n. p.). O *Le Courrier*¹⁴, em janeiro de 1967, salienta que é “[...] um romance que diz mais sobre a fome do que

¹³ Recorte de jornal desconhecido. Neste trecho, há grifos feitos pelo autor de lápis e caneta.

¹⁴ Jornal diário suíço em língua francesa publicado em Genebra e fundado em janeiro de 1868. Seguiu uma linha editorial alinhada com a Igreja Católica Romana até 1996.

qualquer tratado de economia política” (Cehibra, 1967, n. p.), como é de costume nas obras “josuelianas”.

Para além da circulação do romance, a imprensa teve grande responsabilidade por trazer novas representações da fome para o mundo por meio de críticas, representações estas elaboradas a partir da leitura do livro. As representações são culturalmente constituídas e detêm intrínseca relação com a temporalidade da qual fazem parte, pois traduzem as visões de mundo daquela sociedade ou daquele grupo social. Dessa maneira, os diferentes meios de comunicação são muito relevantes na construção das representações, pois influenciam largamente na elaboração das visões, tendo em mente que “a relação do texto com o real constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprias de cada situação de escrita” (Chartier, 1990, p. 63). É importante compreender que a fome, pelo menos em alguns países onde o romance teve ampla circulação, não era mais tão visível como foi nas décadas anteriores: essa realidade era exterior a uma parcela dos leitores franceses ou americanos.

No que concerne às representações feitas sobre a fome presentes em *Homens e Caranguejos*, entendemos que estas podem ser compreendidas como traduções de seus estudos científicos, pensamentos e posicionamentos. Estão reunidas no romance as críticas feitas por Josué de Castro às estruturas agrárias e capitalistas exploratórias, às práticas patrimonialistas dos políticos, às políticas públicas ineficientes, ao colonialismo e ao imperialismo financeiro, entre outros. A fome como fruto da exploração do homem contra o próprio homem, em decorrência de decisões políticas

pautadas nos interesses econômicos das elites. Em outras palavras, Josué de Castro desnaturalizou a fome como um atributo dos pobres, um mal da raça ou fruto de causas naturais, climáticas ou do solo.

Em março de 1967, Dacosta escreveu uma resenha sobre o romance, intitulada “Romance de um sociólogo”, apontando que na obra está a “fome do latifúndio da lama, onde desaguam os retirantes da região Nordeste” (Dacosta, p. 89, 1967). É interessante pontuar que Dacosta faz alusão ao livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão* ao considerar *Homens e Caranguejos* como a sua complementação, um “delta dum rio”, pois ambos os livros apresentam temática similar e tratam da mesma região. Ela continua expressando que “a fome é denunciada neste romance mais como fenômeno artificial criado pelo homem do que pela natureza, que o homem pode vencer” (Dacosta, p. 89, 1967). Nesse ínterim, ao denunciar a fome no mundo com seus estudos, Josué de Castro apontava soluções possíveis para o combate à fome. Na década de 1960, atrelou seu discurso ao subdesenvolvimento e destacou a cooperação internacional como meio viável para superar a fome. Porém, um dos grandes entraves residia nos interesses econômicos e também políticos das corporações e dos países.

No que tange ao subdesenvolvimento, Josué de Castro passa a associá-lo ao conceito da fome. Ao ser entrevistado por Hélio Duque em outubro de 1972, para o jornal *Folha de Londrina*¹⁵, o geógrafo aponta que “a fome é produto antes de tudo de uma má distribuição da

¹⁵ Jornal paranaense de impressão diária que foi fundado na cidade de Londrina em 1948.

riqueza e de uma má planificação da economia mundial” (Cehibra, 1972, n. p.). Na mesma matéria, assinala que

O que caracteriza por excelência o subdesenvolvimento é a disparidade entre os níveis de produção, de renda e de capacidade de consumo entre diferentes camadas sociais e entre diferentes regiões que compõem o espaço sócio-geográfico [sic] da Nação. Promover o desenvolvimento econômico-social autêntico será antes de tudo procurar atenuar esses desníveis através de uma melhor distribuição da riqueza e de um mais justo critério de investimentos nas diferentes regiões e nos diferentes setores das atividades econômicas do país (Cehibra, 1972, n. p.).

Portanto, segundo ele, são justamente os desníveis entre as duas estruturas que geram o subdesenvolvimento e, por conseguinte, a fome. O atraso da agricultura entrava a expansão industrial, o que, em conjunto com as desigualdades sociais, impossibilita o fortalecimento do mercado interno, pois o poder aquisitivo das pessoas pobres dos países do Terceiro Mundo sempre foi baixo. Concomitantemente, com o povo subalimentado, os recursos humanos necessários para empreender o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos são pequenos. Assim sendo, os países necessitam não apenas receber investimentos econômicos, mas também importar conhecimento, tecnologia, bens culturais etc. Dessa maneira, a cooperação internacional é fundamental para a superação

da fome no mundo, mas é necessária uma revolução no pensamento social para que vise uma economia voltada para o desenvolvimento humano (Castro, 2003).

Críticas, resenhas e artigos sobre o livro e entrevistas com Josué de Castro sobre o romance, publicados também em periódicos espanhóis, portugueses e alemães, foram positivos e indicam que foi boa a aceitação do livro, o que possibilitou uma maior circulação deste. Além disso, *Homens e Caranguejos* foi traduzido para nove idiomas e conta hoje com 11 edições¹⁶. Em nossas pesquisas, encontramos ainda indícios de mais duas traduções, uma para o sueco e uma para o norueguês, porém não encontramos suas respectivas edições. Por esse motivo, em poucos recortes de jornais é visto que o romance foi traduzido para 11 idiomas. Diante disso, as diferentes traduções ampliam a capacidade circulante da obra, uma vez que estas serão capazes de gerar uma maior produção de significados, de interpretações e de apropriações (Chartier, 1999).

Nesse sentido, “*Un niño entre hombres y cangrejos* [...] opera técnica similar ao que se verifica nas respectivas traduções portuguesa e francesa [...]. Indistintamente, as edições estrangeiras respondem pela transposição cultural e pela re(escrita)/manipulação discursiva de *Homens e Caranguejos*” (Oliveira; Holanda, 2017, p. 14). Por aproximarem o leitor de um certo contexto a uma cultura completamente diferente, as adaptações funcionam como uma ferramenta que amplia a produção de novas significações a cada leitura, produção esta que

¹⁶ A edição portuguesa não foi incluída como tradução da edição brasileira.

determina o sucesso da obra e se concretiza na relação entre o leitor e a obra.

Isto posto, é importante trazer a reflexão do historiador Roger Chartier: “um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual” (Chartier, 1999, p. 154). As leituras dependem do tempo, do lugar, do leitor e da razão para ler. Os livros nos convidam para a reflexão, nos tiram da zona de conforto mental e fomentam o pensamento crítico. Portanto, ler é perigoso para quem deseja controlar o pensamento social, cultural e político.

Visando mapear a circulação internacional de *Homens e Caranguejos*, produzimos a seguinte tabela:

EDIÇÃO	EDITORA	TÍTULO	ANO
Francesa	<i>Éditions du Seuil</i>	<i>Des Hommes et des Crabes</i>	1966
Portuguesa	<i>Brasília Editora</i>	<i>O Ciclo do Caranguejo</i>	1966
Espanhola	<i>Ediciones CID</i>	<i>Un niño entre hombres y cangrejos</i>	1966
Húngara	<i>Kossuth Könyvkiadó</i>	<i>Emberék és rákok</i>	1968
Polonesa	<i>Książka i Wiedza</i>	<i>Ludzie i kraby</i>	1968
Alemã	<i>Verlag Neues Leben Berlin</i>	<i>Der Krebskreis</i>	1970
Norte-americana	<i>The Vanguard Press</i>	<i>Of Men and Crabs</i>	1970
Canadense	<i>Copp Clark Publishing Company</i>	<i>Of Men and Crabs</i>	1970
Dinamarquesa	<i>Forlaget Rode Hane</i>	<i>Maend og Kraber</i>	1972
Italiana	<i>Società Editrice Internazionale</i>	<i>Uomini e Granchi</i>	1974

Tabela 1. Edições internacionais do romance *Homens e Caranguejos*
Fonte: Autores (2024).

O romance circulou por boa parte da Europa, tendo assim 8 edições diferentes publicadas, além das publicações nos Estados Unidos e Canadá. As traduções para línguas como inglês, francês e espanhol permitiram que o livro circulasse para além das fronteiras dos seus países, dado que estes três idiomas eram e são falados em uma grande parte do mundo. No Brasil, o romance foi publicado pela Editora Brasiliense em 1967.

Para além da Europa e do continente americano, existe a possibilidade de *Homens e Caranguejos* ter circulado na África também, visto que, devido ao processo de colonização, em muitos países africanos são falados idiomas como o português e o francês. Na década de 1960, os países africanos estavam lutando e conquistando suas independências e Josué de Castro estabeleceu um imenso contato com intelectuais africanos, bem como buscou cooperar com Estados do continente através do CID e dos debates que desenvolveu acerca do Terceiro Mundo.

O escritor e jornalista pernambucano Nestor de Holanda, em uma coluna escrita para o *Diário de Notícias*¹⁷ em março de 1968, aponta que Josué de Castro:

é festejado e aplaudido pelo mundo inteiro, nos Estados Unidos e na Rússia, menos no Brasil. Menos no Brasil – diga-se, a bem da verdade – pela grossura política que impera em todos os quadrantes. Pelos homens de cultura, não. Entre

¹⁷ Jornal carioca de caráter diário e matutino fundado por Orlando Ribeiro Dantas em 1930. Em um primeiro momento apoiou o golpe militar e, posteriormente, aproximou-se da oposição. O jornal saiu de circulação em 1974.

estes Josué é respeitado [...]. E talvez por isso tenha tido seus direitos políticos retirados de circulação. [...] Para se ter ideia, seu livro *Homens e Caranguejos*, que somente agora sai no Brasil, já possui mais de dez traduções e já foi editado em diversos países (Holanda, 1968, p. 2).

O espaço da coluna é pequeno na segunda seção do jornal. Nestor apontou que acabara de receber o novo romance, que havia sido publicado no Brasil. Além disso, faz uma forte crítica à ditadura civil-militar, como é perceptível no trecho transcrito, e afirma: “Josué se orgulhe de ter sido cassado” (Holanda, 1968, p. 2). Podemos notar que ele faz alusão à divisão entre os Estados Unidos e a União Soviética, que representam os dois blocos hegemônicos da Guerra Fria. É importante ressaltar que, na década de 1950, Josué de Castro foi premiado por *Geopolítica da Fome* com o *Prêmio Franklin Delano Roosevelt*¹⁸, da Academia Americana de Ciência Política dos Estados Unidos, e com o *Prêmio Internacional da Paz*¹⁹, concedido pela União Soviética, em 1955.

Apesar de a ditadura civil-militar o considerar uma ameaça e paulatinamente exercer uma política de

¹⁸ A premiação foi criada em 1946 e representava uma das mais altas concedida aos intelectuais nos Estados Unidos. Em 1952, *Geopolítica da Fome* foi considerado o livro mais importante do ano no campo das Ciências Políticas e Sociais.

¹⁹ Foi criado em 1949 com o objetivo de premiar personalidades que contribuíssem para a paz entre os povos. A premiação seguia uma política estratégica da União Soviética intitulada “Movimento Internacional pela Paz”. Vale destacar que a tradução de *Geopolítica da Fome* para o russo foi publicada em 1954.

esquecimento em torno de sua figura e de sua obra, os “homens de cultura”, no ponto de vista do jornalista, o respeitavam. Segundo Napolitano (2020), a cultura foi um grande desafio para a ditadura, pois o público consumidor do mercado era, majoritariamente, a classe média escolarizada e a classe alta. Para se legitimar, o governo militar necessitava do apoio dessas camadas da sociedade. Nesse sentido, “a cultura crítica e de esquerda era tolerada pelo governo militar à medida que o artista engajado ficasse dentro do círculo de giz do mercado e dos circuitos culturais da classe média. Isso foi possível até 1968” (Napolitano, 2020, p. 101). Desse modo, como um romance que pretendia atingir a massa de famintos poderia circular livremente no Brasil? A coluna aponta, ainda, o sucesso do romance no exterior.

Vale sublinhar que esta coluna escrita por Nestor de Holanda é uma das poucas veiculadas na imprensa brasileira que indica que Josué de Castro está exilado e que cita *Homens e Caranguejos*. Nos periódicos internacionais, frequentemente sua situação de exilado é mencionada. O *Le Monde* pontua que ele “está pagando o preço por suas denúncias, visto que foi exilado” (Cehibra, 1966c, n. p.) . Em 1º de julho de 1971, no *New York Times*²⁰, o escritor e tradutor Gregory Rabassa expõe que Josué de Castro está “exilado por algum tempo pela ditadura militar reinante” (Cehibra, 1971, n. p.). No *Paris Normandie*²¹, Yvon Hecht pontua que “atualmente, Josué de Castro está no exílio, expulso de seu país pelos líderes

²⁰ Jornal diário estadunidense fundado em 1851. Um dos periódicos estadunidenses mais conhecidos que cobre assuntos nacionais e internacionais, de grande tiragem e alcance.

²¹ Paris Normandie é um jornal francês diário que foi fundado na cidade de Rouen em 1944.

militares que tomaram o poder para impedir uma tímida reforma agrária” (Cehibra, 1966e, n. p.). Por fim, salientamos que a dimensão nacional da circulação do romance, diferentemente da internacional, teve entraves em decorrência do ambiente censurador da ditadura civil-militar.

Considerações Finais

Fica claro o alcance internacional do romance *Homens e Caranguejos*, que foi traduzido para vários idiomas e recebeu inúmeras críticas, resenhas e artigos elogiosos veiculados em periódicos franceses, belgas, suíços, norte-americanos, alemães, espanhóis, portugueses, entre outros. Diante disso, a narrativa foi lida em grande parte da Europa e da América, bem como nos demais continentes, tendo a sua circulação ampliada devido ao nome já consolidado do seu autor e às suas firmes redes de sociabilidades.

Homens e Caranguejos reúne as críticas feitas por Josué de Castro às estruturas agrárias arcaicas e às estruturas econômicas capitalistas exploratórias. Essas estruturas, segundo ele, são produtoras da fome e aprofundam as desigualdades sociais e regionais no Brasil. Da mesma forma, o desnível entre os dois setores está no cerne do que ele define como subdesenvolvimento. A fome, então, é vista como um problema político e social, não apenas biológico. É importante destacar que as ideias presentes no romance são fruto dos estudos que o intelectual desenvolveu em sua vida preocupado com demandas sociais.

Na imprensa internacional, o livro é visto como uma denúncia, um grito de alerta para os problemas da fome.

De igual modo, o livro é tratado como um “documento ficcional” em decorrência dos relatos de memória presentes no prefácio “um tanto gordo para um romance um tanto magro” (Castro, 1967, p. 24). A obra é tida como um testemunho justamente pela muita explicação dada por seu autor a partir de suas memórias de infância nos alagados do Recife, utilizadas para a construção da narrativa do romance. Nesse sentido, Josué de Castro busca construir uma “memória de si” a partir de relatos autobiográficos (Gomes, 2004). Paralelamente, os críticos apontam para a terrível descoberta da fome feita pelo leitor com a leitura do livro, pois, parafraseando um deles, a fome está presente em todas as suas páginas.

Referências

BORGES, N. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, J; DELGADO, L. A. N. (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CASTRO, J. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1967.

CASTRO, A. M. (org.). *Fome: um tema proibido – últimos escritos de Josué de Castro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, J. *Geografia da Fome*. O dilema brasileiro: pão ou aço. São Paulo: Todavia, [1964] 2022.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA. Editorial da revista francesa *Sciences et voyages*. *Acervo Josué de Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1965.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de periódico brasileiro desconhecido. *Acervo
Josué de Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1966a.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Carta enviada por Paul Flamand a Josué de Castro.
Acervo Josué de Castro. Pasta 242. Recife: Fundaj, 1966b.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte do periódico francês “Le Monde”. *Acervo Josué
de Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1966c.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Matéria da revista belga “Pourquoi Pas?” sobre o
romance “Homens e Caranguejos”, de Josué de Castro. *Acervo Josué
de Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1966d.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de matéria do jornal francês “Paris
Normandie” sobre “Homens e Caranguejos”, de Josué de Castro.
Acervo Josué de Castro, 96. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1966e.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de jornal desconhecido, com grifos a lápis e a
caneta. *Acervo Josué de Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1966f.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de matéria do jornal suíço Le Courier sobre o
livro “Homens e Caranguejos”, de Josué de Castro. *Acervo Josué de
Castro*. Pasta 40. Recife: Fundaj, 1967.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de matéria do New York Times. *Acervo Josué de
Castro*. Pasta 32. Recife: Fundaj, 1971.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. Recorte de matéria do jornal brasileiro Folha de
Londrina. *Acervo Josué de Castro*. Pasta 32. Recife: Fundaj, 1972.

CEHIBRA – COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA. *Acervo Josué de Castro*. Pasta 32. Recife: Fundaj, [s. d.].

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*.
Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo:
Editora UNESP, 1999.

CRUZ, D. R. *Exílio: Entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record,
1999.

DACOSTA, L. Romance de um sociólogo. *Seara Nova*, Lisboa, n. 1457,
p. 89, 1967. Disponível em:
https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_00000_01367/25. Acesso em: 10 set. 2024.

FOUCAULT, M. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, M. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001. p. 264-298.

GOMES, Â. C. (org.). *Escritas de si, escrita da história*. Rio de Janeiro:
Editora FGV, 2004.

HOLANDA, N. Telhas-Vãs. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar.
1968. Telhado de vidro, p. 2. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional,
1968. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_04&pasta=ano%20196&pesq=%22%C3%A9%20festejado%20e%20aplaudido%20pelo%20mundo%20inteiro,%20nos%20Estados%20Unidos%20e%20na%20R%C3%BAssia,%20menos%20no%20Brasil.%22. Acesso em: 11 set. 2024.

MOTTA, R. P. S. M. *Passados presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NAPOLITANO, M. *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, T. A. S.; HOLANDA, S. A. O. Donde está la traduction... a leitura comparada de “Un niño entre hombres y cangrejos” e “Homens e Caranguejos”. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 11, n. 1, p. 8-18, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://app.amanote.com/v4.1.8/research/note-taking?resourceId=daJU4nMBKQvf0BhiqCH1>. Acesso em: 17 out. 2024.

SILVA, A. P. B. R. Rafael Altamira e Fidelino de Figueiredo: Intelectuais, exílio e reconhecimento no início do século XX. *Revista Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 41-65, jul./dez. 2019.

SIRINELLI, J. Os intelectuais. In: RÈMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-270.